Aveiro, 1 de Novembro de 1963 • Ano X • Número 470

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA» R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 25886 — AVEIRO

FIÉIS DEFUNTOS

[...] A morte nada é, se Deus tudo for. Mas para encontrar o Deus que é tudo, é preciso atravessar a angústia que nos faz recear, ao longo do nosso curso e até ao último passo, que a morte seja tudo. Sobre este assunto da morte, nada existe, humanamente válido, senão o intolerável. Mas se fosse tão capaz de suportar o intolerável — que razão teria, na verdade, o homem para se julgar imortal?

A ausência e o silêncio dos mortos fazem da Fé para a alma da Esperança. O silêncio dos mortos é o mesmo silêncio que o silêncio de Deus. Este silêncio não é o vácuo e o nada — é tudo. Essa ausência é soberana na presença.

Ia eu a desculpar-me por ter profanado, com a palavra e com o indiscreto excesso de filosofia, o mistério da morte e o silêncio dos mortos; mas seria leviandade desesperar da palavra e da filosofia; a nossa palavra, mesmo a filosófica, pode ser piedosa se, experimentando até à paixão a dor desse silêncio, tenta explicar como uma angústia inspirada tem o poder de arrancar ao sofrimento o De Profundis *da invocação e da esperança.*

Étienne Borne

A penúltima homenagem a

JEAN COCTEAU

Pelo DR. JOAQUIM DE MONTEZUMA DE CARVALHO

A derradeira homenagem a Jean Cocteau ocorreu há dias na sua vila natal, Maisons-Laffitte, quando o seu corpo baixou à terra. Junto da sua sepultura não faltou a última despedida da Bélgica. A Académie Royale de Langue et de Littérature Françaises de Belgique enviara o seu secretário Marcel Thiry. E Marcel Thiry declarou que «a longa obra de Jean Cocteau nada mais é do que a longa fábula das mil e uma noites». Havia um sol luminoso mas os corações estavam tristes. Um poeta descia à cova.

Jean Cocteau fora à Bélgica precisamente há um ano para assistir à sessão de homenagem a Maurice Maeterlink realizada na Academia Real Belga, em Bruxelas. E a doença já não lhe permitiu que regressasse à Bélgica. Havia um forte motivo para o seu retorno: no decurso da VI Bienal Internacional de Poesia ia-se homenagear Jean Cocteau. Não uma homenagem qualquer, mas uma homenagem do mais alto significado. O poeta não compareceu, mas enviou um telegrama ardente. Assisti a essa «Hommage a Jean Cocteau». Terá sido, creio, a penúltima homenagem. Teve lugar na «Grande Salle des Fêtes» do Casino de Knokke-le-Zoute, a praia dos belgas ricos. Foi na noite no passado dia seis de Setembro. Os quinhentos escritores, vindos duns cinquenta países, que compareceram à Bienal, estavam presentes. Viam-se M. Théo Lefèvre, Primeiro Ministro e M. Janne, ministro de Educação Nacional. A França fazia-se representar pelo seu embaixador e por M. J. Duron, do Ministério de Educação.

A sessão levou cerca de três horas e foi de uma beleza insuperável. Iniciou-se com a leitura de «Discours d'Oxford» e de «Par lui-même». M. Arthur Haulot, Secretário-Geral do Turismo Belga, apresentou M. Robert Goffin, que, a seguir, nos falou sobre a obra de Cocteau. O escritor e académico belga terminou o seu discurso com esta asserção: «Il a mis sa révolution totale dans une forme classique très stricte, sans écarter la profondeur de son tourment. Il n'écrit qu'avec l'encre de son sang». As luzes acenderam-se e houve uma pequena pausa. O meu vizinho era o poeta francês Pierre Emmanuel. Conversámos sobre a sua cidade natal, Pau, e sobre os Pirinéus que Taine descreveu... Eu vivera um mês em Pau, no Verão de 1949. Pierre Emmanuel estava encantado com a minha simpatia por Pau e por

Continua na página 2

Os hipotéticos embaixadores de OUTRAS HUMANIDADES

ARTIGO DE ALVES MORGADO

NUM comentário que escrevemos algures sobre a hipotética procedência uraniana das últimas novidades em discos (voadores), dissemos que o caso não era para rir e sim para meditar. Exactamente: para meditar. Repetimo-lo com todo a seriedade, embora correndo o risco de despertar sorrisos despiciendos aos positivistas da ciência oficial, que de Comte herdaram o horror à metafísica.

Andam representantes de longínquas humanidades a observar-nos, para se inteirarem da espécie de gente que povoa a Terra? Pretendem estudar as condições de «colonização» do nosso planeta? Procuram averiguar se somos dignos de receber embaixadores das suas civilizadíssimas sociedades? Ou limitam-se a recolher elementos que os habilitem a proceder a súbito ataque, que deixe a nossa humanidade aniquilada imediatamente?

É natural que muitas pessoas achem ridículas estas perguntas. Outras, achá-las-ão legítimas. E' difícil provar que andam jornalistas de Úranc (ou de qualquer outro planeta do sistema solar) a fazer reportagens na Via Láctea, mas não é menos difícil provar que não andem, há séculos, representantes de humanidades, mais evoluídas do que a nossa, pelas estradas sem fim do espaço cósmico.

Para a ciência positiva da Terra, o planeta Úrano não oferece condições de vida, pois não passa de monstruoso bloco de gelo. Quem pode viver a temperaturas de cento e cinquenta a duzentos graus abaixo de zero? Para os sábios terrenos, nenhum planeta do sistema solar, além da Terra, possui condições para a manifestação da vida, tal como se regista à superfície do nosso Globo.

Um sábio astrónomo indígena, cujas manifestações públicas de sabedoria se cifravam em colaborações nos almanaques, afirmou em editorial de grande rotativo lisboeta que o fenómeno-água (e sem água não há vida) é tão raro não só no sistema solar como em todo o Universo, que o caso da Terra deve ser excepcional, senão único! Mas então a vida não será um fenómeno intimamente relacionado com o meio? Não corresponderá a cada meio uma forma de vida diferente?

Vejamos o que se passa ao nível da Terra: não existem formas de vida no fundo dos oceanos, embora os seres humanos não possam viver nesses meios? Não afrontam impunemente os «ióguis», quase nus, temperaturas de cinquenta e sessenta graus abaixo de zero, quando atravessam, nas suas peregrinações, a cordilheira do Himalaia? A maioria dos mortais sucumbira a tão intenso frio, mas eles resistem sem o menor acidente. Por que não haverá nos chamados planetas exteriores do sistema solar manifestações de vida de acordo com os respectivos meios? Por que não haverá em Úrano seres inteligentes, tão humanos como nós, «cons-

Continua da página 2

Uma entrevista com TOMAZ ALCAIDE

TOMAZ ALCAIDE, o famoso intérprete de «Manon», «Pescadores de Pérolas», «Rigoletto» — e de tantas outras óperas em que marcou posição de destaque entre os maiores Tenores do Mundo, ressurge agora na fama e na glória: a América editou recentemente algumas das árias em que mais se distinguiu, *repicando*, com felicidade, velhos discos de setenta e oito rotações — e a preciosa mercadoria em que se fixa a voz do «Portuguese phenomon» (a expressão é de um autorizado crítico norte-americano) está a ser disputada por toda a parte; simultâneamente, em Portugal, Alcaide foi chamado a imprimir o cunho do seu talento à Companhia de Ópera do Teatro da Trindade, de que é competentíssimo e devotado orientador.

Ora o *Litoral*, ao tempo em que obteve do grande artista lírico (que continua triunfante e renovado cartaz dos merecimentos nacionais) a cativante deferência de interessantes respostas a perguntas de Mendes Leal — lê-las-emos pròximamente nestas colunas —, pediu-lhe os seus valiosos ofícios no sentido de se deslocar a Aveiro o excelente conjunto do Trindade. Teremos ópera, por artistas portugueses, num dos nossos palcos? — Assim o esperamos, ansiosamente. E é ansiosamente também que aguardamos as sensacionais declarações de Tomaz Alcaide.

O *Litoral* sai antecipadamente nesta semana, em virtude do encerramento, hoje, dia de feriado nacional, das nossas oficinas gráficas

A penúltima homenagem a Jean Cocteau

Continuação da primeira página

certos aspectos dos Pirinéus que nunca mais pude esquecer (Le Tourmalet, Col d'Aspin, Gavernie, Gourette).

As luzes apagaram-se. O mais profundo silêncio voltou à vastíssima sala. Um reflector acendeu-se. E surgiram no palco quatro declamadores: Fernande Claude, Monique Dorsel, Henri Billen e Paul de Rideaux. Os vestidos compridos de Fernande e de Monique cintilavam. Os seus penteados pareciam mais uma fantasia de Cocteau. Gravidade e graça. Os poemas sucediam-se. Impressionaram-me os poemas «La mort n'agit pas elle-même», «Le poète salue sa maladie» e «Requiem». Era a familiariedade com a morte, sem ironia, era o abandono lúcido à toda-poderosa o que mais me impressionou. Teriam sido escolhidos os poemas mais sérios, respeitando-se assim um poeta que dia a dia mais se aproximava da morte? Aquela Monique declamava um monólogo com a morte e aquela suavidade de entrega, aquela intimidade sem revolta, lembravam-me o verídico drama que, longe, num quarto de Paris se estava a passar...

A sessão encerrou com a exibição de «Le sang d'un poète», um filme de Jean Cocteau, o seu primeiro filme. Pierre Emmanuel diz-me: «Ce film fit date dans l'histoire du cinéma. Aujourd'hui il se contente de... dater». Era um filme de 1932. A maior parte dos espectadores começou a abandonar a sala. O sonhador poeta de Pau tinha razão, mas tanto ele como eu fomos ao fim...

Esta terá sido a penúltima grandiosa homenagem a Cocteau...

Poesia, novela, teatro, crítica, cinema, desenho, ballet, (o que mais?) tudo isto fez parte do inteligente e hábil reino de Cocteau. Mas temos de ser fiéis à sua vontade. Se ele dictava a moda, se lançava músicos e escritores, se inaugurava bares e organizava ballets, era a Poesia quem lh'o ordenava. Pois segundo a sua vontade (e a um morto nada se recusa) a Poesia está destinada a predominar em todas as actividades artísticas. Assim, Cocteau não fez novela mas «poesia da novela», não fêz crítica mas «poesia-crítica», não escreveu teatro mas «poesia do teatro», não desenhou mas fêz «poesia gráfica», não realizou películas mas realizou sim «poesia cinematográfica». É esta redução à Poesia que importa, de facto, para caracterizar a sua obra. Não procede o argumento que foi um temperamento leviano, sempre atrás da última moda. Serviu apenas uma senhora, a Poesia. E como disse nos seus «Portraits-souvenirs» (1935) o poeta é o «medium natural das forças desconhecidas». São estas forças que fazem o poeta ser, simultâneamente, um eco do satânico e do angélico, do absurdo e do insólito, do divino e do pagão. Daí o caracter a um tempo «inocente e sabido» da sua obra. Daí a sua obra máxima — «Les enfants terribles», de 1929 — ser o encontro, na infância e na adolescência, daquelas forças desconhecidas e contradictórias porque é precisamente a infancia o lugar de eleição para esse encontro. Quanta verdade psicológica nesta novela que João Gaspar Simões traduziu com o título ajustado de «Os meninos diabólicos»! E, a propósito, vejo uma forte influência de Cocteau na geração da Presença. «Les enfants terribles», na sua verdade dostoievskiana, não são alheios aos romances da adolescência de três dos principais presencistas: José Régio com «Uma gota de sangue», Adolfo Casais Monteiro com «Adolescentes» e João Gaspar Simões com «Internato». Mais do que a Gide ou a Dostoievski devemos ir buscar essa influência a Cocteau. Mas também vejo nas artes portuguesas um homem-Cocteau, tão soberano como Cocteau, mas duma soberania que o meio português não aceitou por auto-insciência: a figura do pintor e poeta, dramaturgo e novelista, decorador muralista, do futurista José de Almada Negreiros. Simplesmente, os futurismos não tem «futuro» em Portugal.

Cocteau atravessou todos os «ismos» como um prestidigitador passando arcos em chama sem se queimar. Esta busca perpétua da novidade também o caracteriza. Em 1953, no livro «Démarches d'un poète», mostrou-se partidário duma arte que fôsse uma permanente busca de algo sempre diferente, anti-tradicional e tão célere quanto a moda. Não parar, eis o que define Cocteau e pode servir de conselho aos escritores. Se é certo que os estilos não se modificam ao mesmo ritmo da moda (serão mais lentos do que esta), se não pode haver estilos competindo com a moda, ao menos que os estilos tenham a sua moda de vez em quando. E se não for possível criar uma multiplicidade (simultânea ou contínua) de estilos, que se procurem os seus matizes ou variantes. Busca, insatisfação, eis o que teleguiou a Jean Cocteau. A mesma busca e insatisfação que caracteriza a Picasso e a Ramón Gomez de La Serna, este mais irmão de Picasso do que Cocteau. Não importa que o escândalo estoire. O maior escândalo é o da própria sociedade de massas incapaz de se erguer acima do que «todos aceitam».

Dir-se-á que neste meio século Cocteau não procurou representar a realidade das coisas, mas proferiu a das suas analogias e equivalências; que não quiz remover os nossos sentimentos mais profundos, mas desejou apenas provocar a inquietação; que pretendeu mais brilhar pelo seu extraordinário poder de adoptação e de mimetismo do que exibir-se sério e interrogador. Acusá-lo-ão de ser demasiado wildeano, de ser homem-espectáculo e narcisista. Mas Cocteau, ele próprio, gostava de se definir como uma mentira viva, mas uma mentira que dizia a verdade. E aplicava a si mesmo alguns dos preciosos aforismos de «Le coq et l'arlequin»: «O que o público te censura, cultiva-o; isso és tu», «há que ser um homem vivo e um artista póstumo», «o ecletismo é a morte do amor e da injustiça, mas na arte a justiça é *certa* injustiça». Grande foi o clamor quando, em 1955, Cocteau ingressou na Academia Francesa. O mundo perguntava: Será que a Academia se fêz revolucionária ou, pelo contrário, a revolução se academizou? Nem uma coisa nem outra. Também a Academia Francesa não passa dum centro que zela pelo idioma e nada legisla nem sanciona em matéria literária. Com graça Cocteau explicava o seu ingresso: se se exige de mim o insólito e se acha que é insólito que eu entre na Academia, afinal tudo está de acordo. E deixou-se morrer académico mas sempre revolucionário.

Inhambane, 23 de Outubro de 1963

Joaquim de Montezuma de Carvalho

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

1.ª Publicação

Faz-se saber que pela Segunda Secção de Processos do Primeiro Juízo desta comarca, correm éditos de trinta dias, contados da segunda e última publicação do presente anúncio, citando o réu *Pompeu da Costa Ramos*, maior, comerciante, ausente em parte incerta da França, mas que teve o seu último domicílio conhecido no País no lugar de Mataduços, freguesia de Esgueira, desta comarca, para, no prazo de dez dias, findos os éditos, contestar, querendo, o pedido feito nos autos de acção sumária que ao citando e a outros move o autor António Ramos Bartolomeu, casado, empregado de escritório, residente no lugar do Bonsucesso, freguesia de Aradas, desta comarca, o qual consiste na condenação dos réus no pagamento ao autor da quantia de vinte e dois mil novecentos e cinquenta e quatro escudos e oitenta centavos, proveniente de despesas que o autor fez na compra aos réus de um prédio destinado a construção urbana, com a área de 1 080 metros quadrados, sito em Bragal, freguesia de Aradas, que confronta do norte com a Estrada, do sul e poente com Manuel de Pinho e do nascente com Manuel Vieira, compra que veio mais tarde a ser anulada por sentença.

Aveiro, 25 de Outubro de 1963.

O escrivão de direito,

Alcides Viriato Sequeira

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Silvino Alberto Vila Nova

Litoral ★ N.º 470 ★ Aveiro, 1-XI-963

Os hipotéticos embaixadores de outras humanidades

Continuação da primeira página

truídos» adrede para suportarem temperaturas espantosamente baixas?

Quem diz Urano, diz Saturno ou Neptuno. Júpiter está fora de causa, pois é um planeta de formação «atrasada». Mas já alguns dos seus satélites poderão ser incluídos no elenco dos corpos «familiares» com manifestações de vida. Marte e Vénus não podem ser excluídos do elenco. Tudo isto é muito difícil de provar, mas ninguém, por enquanto, é capaz de provar o contrário.

Alves Morgado

DESPORTOS

Secção dirigida por

António Leopoldo

FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

Resultados Gerais:

Lusitano - Vianense	1-2
Sanjoanense - Marinhense	0-3
Espinho - Boavista	2-1
Salgueiros - Leça	3-1
Beira-Mar - Oliveirense	1-2
Covilhã - Feirense	2-0
Braga - Famalicão	5-0

Tabela Classificativa:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Braga	2	2	—	—	6-0	4
Marinhense	2	2	—	—	5-1	4
Salgueiros	2	2	—	—	4-1	4
Covilhã	2	1	—	1	3-1	2
Oliveirense	2	1	—	1	2-2	2
Vianense	2	1	—	1	2-2	2
Feirense	2	1	—	1	3-3	2
Leça	2	1	—	1	3-3	2
Boavista	2	1	—	1	5-5	2
Espinho	2	1	—	1	2-3	2
Famalicão	2	1	—	1	1-5	2
Lusitano	2	—	—	2	2-4	0
Beira-Mar	2	—	—	2	2-5	0
Sanjoanense	2	—	—	2	3-7	0

Jogos para amanhã

Lusitano - Sanjoanense
Marinhense - Espinho
Boavista - Salgueiros
Leça - Beira-Mar
Oliveirense - Covilhã
Feirense - Braga
Vianense - Famalicão

Breve Comentário

A jornada número dois ficou assinalada pelo facto de três grupos terem vencido nos campos dos seus adversários. Oliveirense, Marinhense e Vianense foram os «heróis do dia» — ao passo que o Beira-Mar, a Sanjoanense e o Lusitano de Vildemoinhos podem ser apelidados de vítimas da ronda...

Ainda em relação aos desafios em que intervieram as seis equipas atrás referidas, será de assinalar-se que nenhum dos vencidos logrou ainda qualquer ponto — situando-se os três na indesejável «lanterna-vermelha» —; e será também de referir a cincunstância de apenas um dos forasteiros que venceram no domingo ter igualmente triunfado oito dias antes. De facto, só o Marinhense bisou vitória, já que Vianense e Oliveirense haviam sido vencidos em casa na jornada inaugural.

Tal como na cauda, também no topo da tabela há três grupos a repartir a liderança da prova: além do Marinhense, temos o Braga e o Salgueiros cem por cento vitoriosos.

Os arsenalistas minhotos obtiveram, ante os seu vizinhos famalicenses, o *score* mais expressivo da prova até este momento; e os salgueiristas, por seu turno, venceram bem — mas com dificuldade — um grupo da sua própria região: o Leça, turma sempre aguerrida e inconformada.

O Espinho obteve preciosa vitória sobre os axadrezados, após partida renhidamente disputada. E, finalmente, na Covilhã, o Feirense perdeu — tendo resistido com muita firmeza e determinação aos serranos. Estes, só ficaram de todo tranquilos à beira do termo do prélio, altura em que marcaram o chamado «golo do sossego»...

BEIRA-MAR, 1 — OLIVEIRENSE, 2

Jogo no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem do sr. Júlio Braga Barros, coadjuvado pelos srs. Gervásio Tojeira (bancada) e Bernardo Antunes (peão) — todos da Comissão Distrital de Árbitros de Leiria.

Os grupos apresentaram-se assim constituidos:

BEIRA-MAR — Adelino; Brandão, Liberal e Evaristo; Néné e Serra; Miguel, Diego, Alberto, Fernando e Romeu.

OLIVEIRENSE — Ferdinando; Vítor, Branca e Armindo: André e Costa; Valente, Resende, Vaz, Correia e Amândio.

•

Aos 3 m., no desenvolvimento de um *corner* cedido por Serra em luta com Vaz, André rematou, de cabeça, a defesa aveirense aliviou mal, e CORREIA recargou vitoriosamente, com um pontapé frouxo, enviando a bola a um canto. Adelido, encoberto, nada esboçou sequer para evitar o tento.

Aos 57 m., o Beira-Mar igualou, também no seguimento de um *corner*. Miguel marcou sobre a baliza, Diego cabeceou e os oliveirenses rechaçaram o esférico para o lado direito do ataque beiramarense. Aí, ROMEU parou a bola e, de ângulo difícil, atirou sem defesa, batendo Ferdinando de forma inapelável.

Continua na página 6

João Regala e António Barreto Cerqueira

foram brilhantes vencedores do TORNEIO de BILHAR LIVRE do BEIRA-MAR

JOÃO REGALA

DECORREU em execelente nível de interesse e de entusiasmo, movimentando extraordinàriamente os salões da sede do Beira Mar, durante quase vinte noites, um Torneio de Bilhar Livre Inter-Sócios promovido pela Tertúlia Beiramarense.

À competição concorreram onze bilharistas, escalonados em duas categorias, tendo-se apurado os desfechos adiante indicados:

1 Categoria

Resultados Gerais

1 de Outubro

Vital Fialho - José Brandão, 100-97.

2 de Outubro

Henrique Prudêncio - Vital Fialho, 107-74; José Carvalho - José Ruivo, 101-100.

3 de Outubro

José Ruivo - Vital Fialho, 97-100; Aguinaldo Melo - Henrique Prudêncio, 100-38.

4 de Outubro

Aguinaldo Melo - José Carvalho, 100-72; Henrique Prudêncio - José Brandão, 53-100.

7 de Outubro

José Carvalho - João Regala, 101-100.

8 de Outubro

José Ruivo - Aguinaldo Melo, 26-100; José Brandão - José Carvalho, 100 48; João Regalo-Henrique Prudêncio, 100-66.

9 de Outubro

João Regalo Aguinaldo Melo, 101-75; José Carvalho - Vital Fialho; 100 61.

10 de Outubro

Aguinaldo Melo - José Brandão, 99-101; José Ruivo - João Regala, 66-106.

11 de Outubro

Vital Fialho-Aguinaldo Melo, 78 100;

14 de Outubro

Henrique Prudêncio - José Ruivo, 63-100; José Brandão - João Regala, 63-100.

16 de Outubro

José Ruivo - José Brandão, 69-100; João Regala - Vital Fialho, 100 83; José Carvalho - Henrique Prudência, 100-76.

Jogos de Desempate

Henrique Prudêncio - José Ruivo, 51-31; Aguinaldo Melo - José Brandão, 86 102; José Carvalho - Aguinaldo Melo, 26-102; José Brandão - José Carvalho, 104 30.

II Categoria

Resultados Gerais

1 de Outubro

Antero Veiga-Emanuel Cravo, 75-100.

3 de Outubro

Ricardo Limas - António Cerqueira, 100-58.

7 de Outubro

Ricardo Limas-Antero Veiga, 76-100.

9 de Outubro

Emanuel Cravo - António Cerqueira, 78-100.

11 de Outubro

Emanuel Cravo-Ricardo Limas, 65-100.

14 de Outubro

Antero Veiga - António Cerqueira, 95-100.

Jogo de Desempate

Antero Veiga-Emanuel Cravo, 50-37; António Cerqueira-Ricordo Limas, 100-56.

Continua na página 6

ANTÓNIO BARRETO CERQUEIRA

ANDEBOL DE SETE

Por iniciativa da Associação de Aveiro, que encontrou total acolhimento na Associação do Porto, é possível que venha a realizar-se brevemente um interessante torneio desta emotiva modalidade — com a presença de grupos aveirenses e portuenses.

Na altura própria, daremos mais desenvolvida notícia da competição que projecta efectuar-se.

Basquetebol

No prosseguimento do torneio regional, apuraram-se estes desfechos:

Illiabum - Galitos	33-36
Esgueira - Amoníaco	46-31
Sanjoanense - Sangalhos	44-55

Campeonato Distrital de Aveiro

Para além da esperada vitória dos esgueirenses, há que destacar o magnífico êxito do Galitos, em I'lhavo — precioso para as aspira-

Continua na página 6

ILLIABUM, 33 — GALITOS, 36

Jogo no Estádio Municipal de Ilhavo, sob arbitragem dos srs. Carlos Neiva e Vitor Couto.

Illiabum — Ramos, Vinagre, Resende, Rosa Novo, Lau, Martins, Peixe, Cachim, Nunes e Seminário.

Galitos — Pires, José Fino, Cotrim, Artur Fino, Vítor, Júlio, Naia, Helder e Encarnação.

1.ª parte: 10-16. 2.ª parte: 23-20.

Marcha do Resultado

1.ª parte

2- 0 - Resende
2- 2 - *Cotrim*
2- 4 - *Vitor*
4- 4 - Martins
4- 5 - *Cotrim*
4- 6 - *Cotrim*
4- 7 - *Cotrim*
6- 7 - Lau
6- 9 - *Encarnação*
8- 9 - Resende
8-11 - *Artur Fino*
8-12 - *Cotrim*
8-14 - *Vitor*
8-16 - *Artur Fino*
10-16 - Rosa Novo

2.ª parte

12-16 - Rosa Novo
14-16 - Rosa Novo
14-18 - *Cotrim*
16-18 - Rosa Novo
16-20 - *José Fino*
18-20 - Lau
20-20 - Martins
20-22 - *José Fino*
22-22 - Rosa Novo
23-22 - Rosa Novo
24-22 - Rosa Novo
24-24 - *Artur Fino*
26-24 - Vinagre
26-26 - *Encarnação*
26-28 - *Vitor*
27-28 - Lau
27-30 - *Encarnação*
27-32 - *Júlio*
29-32 - Vinagre
31-32 - Rosa Novo
33-32 - Rosa Novo
33-34 - *Cotrim*
33-35 - *Cotrim*
33-36 - *José Fino*

ESGUEIRA, 46 – AMONÍACO, 31

Jogo no Campo da Alameda, sob arbitragem dos srs. Manuel Arroja e Manuel Gonçalves.

Esgueira — Ravara, Manuel Pereira, Salviano, Paroleiro, Matos, Raul, Cadete e Coimbra.

Amoníaco — Necas, Madureira, Mortágua, Matos, Arlindo, Ferreira e Eng.º Drumond.

1.ª parte: 21-20. 2.ª parte: 23-11.

Marcha do Resultado

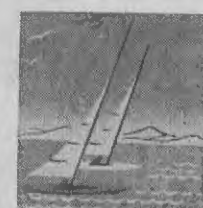
1.ª parte

2- 0 - Matos
4- 0 - Salviano
6- 0 - Salviano
6- 2 - *Arlindo*
8- 2 - M. Pereira
8- 4 - *Mortágua*
9- 4 - Matos
10- 4 - Matos
10- 5 - *Arlindo*
10- 6 - *Arlindo*
10- 7 - *Matos*
10- 9 - *Madureira*
10-11 - *Madureira*
11-11 - Salviano
12-11 - Salviano
12-12 - *Arlindo*
14-12 - M. Pereira
15-12 - Raul
17-12 - Raul
19-12 - M. Pereira
21-12 - Raul
21-14 - *Necas*
21-16 - *Ferreira*
21-18 - *Arlindo*
21-20 - *Ferreira*

2.ª parte

22-20 - Salviano
24-20 - Paroleiro
26-20 - Salviano
26-22 - *Matos*
28-22 - Raul
30-22 - Paroleiro
32-22 - Matos
32-24 - *Arlindo*
32-25 - *Arlindo*
32-26 - *Arlindo*
34-26 - M. Pereira
35-26 - Paroleiro
36-26 - Paroleiro
37-26 - Salviano
38-26 - Salviano
40-26 - Ravara
42-26 - Salviano
44-26 - Salviano
44-27 - *Matos*
44-28 - *Matos*
46-28 - Ravara
46-30 - *Arlindo*
46-31 - *Arlindo*

VELA

Torneio do Outono

Em organização do Sporting de Aveiro, Principiou a disputar-se no passado domingo o *Torneio do Outono* — prova de vela reservada a moths, que reune a presença de desportistas de três clubes. A primeira regata concluiu com esta ordem de chegada à meta:

1.º - José Luís Martins Pereira, Sporting de Aveiro, 10,25 pontos; 2.º - Eng.º Mateus Augusto Anjos, Sporting de Aveiro, 9; 3.º - Helder Guimarães, Clube Naval de Aveiro, 8; 4.º - Leonardo de Azevedo, Ovarense, 7; 5.º - Justino Soares Pinheiro, Sporting de Aveiro, 6; 6.º - José Manuel Zagalo, Sporting de Aveiro, 5; 7.º - António Freitas, Ovarense, 4; 8.º - Rui Sacramento, Sporting de Aveiro, 3; 9.º - Manuel Arouca, Ovarense, 2; 10.º - João Carlos Zagalo, Sporting de Aveiro, 1.

O torneio prossegue amanhã (segunda regata) e no domingo (terceira e quarta regatas).

SECRETARIA JUDICIAL
Comarca de Aveiro

Anúncio

1.ª Publicação

Faz-se saber que pela Segunda Secção de Processos do Primeiro Juízo desta comarca, correm éditos de trinta dias, contados da segunda e última publicação do presente anúncio, citando as rés *Miquelina da Silva Moreira* e *Celeste Rufina da Silva Moreira*, solteiras, ausentes em parte incerta, mas que tiveram o seu último domicílio conhecido no lugar da Estrada de Taboeira, freguesia de Esgueira, desta comarca; *Irene da Silva Oliveira* e marido *João de Oliveira*, ausentes em parte incerta da França, mas que tiveram o seu último domicílio conhecido na freguesia de Arrifana, da comarca da Vila da Feira, para no prazo de vinte dias, findo que seja o dos éditos, contestarem, querendo, o pedido feito nos autos de acção ordinária que a eles e a outros, movem os autores *Manuel Moreira Leal* e mulher *Zulmira de Sousa*, moradores em São João da Madeira, e outro, que consiste na condenação dos réus, as duas primeiras como universais herdeiras de José Moreira, e os restantes como universais herdeiros de António Francisco de Oliveira e mulher Maria da Silva Oliveira, no pagamento aos autores da quantia de 125 000$00, proveniente do sinal, em dobro, que aos falecidos José Moreira e António Francisco de Oliveira e mulher, foi entregue pelos autores, para a compra por estes do direito e acção que aqueles tinham a um prédio urbano composto de morada de casas e quintal, curral e mais pertenças, sito na Rua Cândido dos Reis, n.º 66, desta cidade de Aveiro.

Aveiro, 22 de Outubro de 1963.

O Escrivão de Direito,
Alfredo de Freitas Ribeiro

Veriquei:
O Juiz de Direito
Silvino Alberto Villa Nova

Pelo Governo Civil

O sr. Dr. Manuel Ferreira Santos Louzada, ilustre Chefe do Distrito, acompanhado do sr. Dr. Fernando Marques, Governador Civil substituto, visitaram, na terça-feira, a Estação de Fomento Pecuário de Aveiro, situada no lugar de Medela, da freguesia de Aradas.

Ali era aguardado, além de outras pessoas, pelos srs. Director da Estação, Dr. Jaime Rodrigues Machado, Regente Agrícola Agostinho Monteiro Barreto Ferraz Sacchetti, e Chefe dos Serviços Administrativos, José Rodrigues Madail.

O sr. Director prestou ao distinto visitante todos os esclarecimentos respeitantes ao desenvolvimento daqueles serviços, à influência económica e social que os mesmos exercem junto da lavoura regional e evidenciou o desenvolvimento progressivo dos métodos de inseminação artificial do gado bovino leiteiro, que tem obtido ùltimamente a melhor aceitação por parte da lavoura.

A eleição das Juntas de Freguesia

Como se anunciou, realizaram-se no domingo, em todo o País, as eleições das novas Juntas de Freguesia. No Concelho de Aveiro, foram propostos e eleitos:

Aradas

Efectivos — Duarte da Rocha, José da Silva Pereira Júnior e Manuel da Silva Neto.
Substitutos — Silvério da Cruz Pericão, Manuel Branco Génio e Jorge da Silva.

Cacia

Efectivos — Manuel Soares de Almeida, Armando do Carmo Tavares e Adriano Sequeira Tavares.
Substitutos — José Gonçalves Teixeira, Manuel João Alves da Costa e Francisco Martins Simões.

Eirol

Efectivos — Severim Francisco Marques, Dinis Marques e Manuel Rodrigues Simões.
Substitutos — Manuel Lopes dos Reis, Manuel Dias Póvoa e José Póvoa de Carvalho.

Eixo

Efectivos — João de Pinho Brandão, Manuel Dias de Oliveira e Fernando Marques Ferreira Delgado.
Substitutos — Jaime de Oliveira Lopes, José Marques de Figueiredo e Manuel Figueira de Carvalho.

Esgueira

Efectivos — Cap. Acácio Teixeira Lopes, Damião Cosme de Oliveira Cunha e Diamantino Rodrigues Branco.
Substitutos — Manuel Duarte dos Santos, Bernardino da Silva Madaleno e Gonçalo Moisés Barbosa dos Santos.

Glória

Efectivos — Jorge Pereira Campos Mourão de Mendonça Corte Real, Fernando de Sá Seixas e Manuel Moreira de Castro.
Substitutos — Dr. Paulo de Miranda Catarino, Manuel de Almeida Martins e José Hernâni Moreira da Silva.

Nariz

Efectivos — José Romísio de Oliveira, António da Costa Lopes e Manuel Silvestre de Almeida Simões da Cunha.
Substitutos — João Simões da Cunha, Trindade de Oliveira Romísio e Manuel Bento da Silva.

Oliveirinha

Efectivos — José Ferreira Dias, José da Silva Maio e Álvaro Maio de Oliveira.
Substitutos — João Rodrigues Maia, Manuel Gonçalves Maia Morgado e Peguerto Simões de Oliveira.

Requeixo

Efectivos — Eng.º Agr.º Manuel Simões Pontes, Manuel Fernandes Vieira e Universino de Carvalho.
Substitutos — João Joaquim Branquinho, Manuel Gomes de Campos e Manuel Gaspar da Silva.

Vera-Cruz

Efectivos — Eng.º José Gamelas Júuior, Diogo Álvaro Viana de Lemos e António Osório de Almeida.
Substitutos — Domingos Ferreira da Maia, José de Pinho Nascimento e Amílcar Lourenço da Costa.

S. Jacinto

Efectivos — Jorge Francisco Gomes Pestana, João Rocha dos Santos e José Abreu Trinta.
Substitutos — Gilberto da Fonseca Nunes, João da Maia Vilar e Manuel Marques da Cunha.

Missas de Sufrágio

Sufragando as almas de todos os que morreram no Ultramar ao serviço da Pátria, a Delegacia Distrital da Mocidade Portuguesa Feminina manda celebrar amanhã, sábado, três missas, que serão rezadas nos seguintes horários:

— 11 horas, na Sé Catedral, e 11.30 horas, na paroquial da Vera-Cruz, para os alunos das escolas primárias;

— 12.30 horas, também na Sé Catedral, para os alunos do Liceu, Escola Técnica e Escola do Magistério Primário.

O Liceu de Aveiro e o Ultramar

O Liceu de Aveiro deseja estabelecer contacto directo com os seus antigos alunos actualmente incorporados nos contingentes militares em serviço no Ultramar, com o fim de lhes prestar assistência.

Pede-se por isso aos que se encontrem nessas condições o obséquio de escrever para o referido Liceu, indicando com clareza o nome e endereço, para poderem ser incluídos nos serviços em organização neste estabelecimento de ensino.

Conservatório Regional de Aveiro

Cursos de Inglês

Está já assegurado o funcionamento dos Cursos de Inglês que o Conservatório Regional de Aveiro criou, em colaboração com o Instituto Britânico do Porto, esperando-se que as aulas tenham início já na primeira quinzena de Novembro.

As pessoas que ainda não se inscreveram nos aludidos Cursos e que desejem frequentá-los, podem fazer a sua inscrição na Secretaria do Liceu, até ao próximo dia 6.

Oportunamente será dado conhecimento dos dias em que se realizarão os exames de admissão aos diferentes anos.

SERVIÇO DE FARMACIAS

Sábado	NETO
Domingo	M. CALADO
2.ª feira	CENTRAL
3.ª feira	MODERNA
4.ª feira	ALA
5.ª feira	M. CALADO
6.ª feira	AVENIDA

AVISO

Convidam-se os herdeiros presuntivos de Manuel Ferreira Lavrador, a no prazo de 30 dias contactarem com FOCOBA - Fomento de Construções dos Bancários com sede em Lisboa, na Rua de S. José n.º 131.

Faleceram

António José Flamengo

A cidade de Aveiro foi dolorosamente surpreendida com a triste notícia do falecimento, em Bissau, do nosso conterrâneo sr. António Osório Flamengo.

O distinto aveirense, que na antevéspera fora acometido de congestão cerebral, viria a falecer, a despeito de todos os esforços feitos para o salvar, na manhã do último domingo, 27 do mês agora findo.

Contava 52 anos de idade; deixa viúva a sr.ª D. Isilda Wanon Flamengo e na orfandade os meninos Fernando Eduardo, Carolina

Maria, Mário Luís e Teresa Maria; era filho da sr.ª D. Eduarda Pereira Osório e do escrivão aposentado sr. João Luís Flamengo; e sobrinho do conceituado comerciante da nossa praça sr. António Pereira Osório.

António José Flamengo, que foi zeloso e competente servidor da Câmara Municipal de Aveiro, em breve se reconheceria por demais confinado nas limitações de uma existência burocrática; por isso se lançou decididamente na vida comercial, procurando na província ultramarina da Guiné mais adequado sento ao seu dinâmico espírito empreendedor. E ràpidamente singrou, estendendo a sua actividade a S. Tomé. Geria a importante firma Sociedade de Construções, L.da, era Presidente da Associação Comercial e Industrial de Bissau e tinha de sua conta importantíssimas empreitadas particulares e do Estado. A todas as suas múltiplas actividades profissionais António José Flamengo imprimia o cunho da sua forte personalidade, autorizado ainda por uma honestidade exemplar.

Aveiro, todavia, conhecia-o e admirava-o principalmente como artista cénico de raras possibilidades e invulgar talento. Inesquecível, entre muitas outras, foi a sua interpretação de «Pangloss», na famosa revista académica do Liceu de Aveiro. Depois, acumulando o primoroso desempenho de difíceis papéis com as tarefas de ensaiador e orientador, elevou a novas alturas o já antes prestigiado Grupo Cénico do Clube dos Galitos; e «Ao Cantar do Galo», tanto como «Molho de Escabeche» — que tanto confirmariam a fama dos amadores teatrais aveirenses — foram fruto, em grande parte, do seu labor, da sua competência e da sua sensibilidade.

Aveiro está de luto com a morte de António José Osório Flamengo.

Manuel Prat

Terça-feira à noite faleceu nesta cidade, onde há muito residia, o sr. Manuel de Figueiredo Prat, natural da próxima freguesia de Eixo, último representante de uma das mais respeitadas famílias aveirenses.

Estudou em Aveiro e em Coimbra; depois em Gand, na Bélgica. De frágil saúde, porém, teria que abandonar os estudos, vindo posteriormente a servir no Banco de Portugal. Aposentou-se há anos, ainda por falta de saúde, já em elevada categoria. A Agência desta cidade muito se honrou com o zelo, competência e honestidade do excelente funcionário.

Trabalhou devotadamente na Redacção e Administração do nosso prezado colega *Correio do Vouga*.

O sr. Manuel Prat, que contava 75 anos de idade, deixa viúva a sr.ª prof.ª D. Zulmira Prat; era sobrinho do notável pintor e escultor Artur Prat e parente também do saudoso e venerando Arcebispo-Bispo de Aveiro, D. João Evangelista de Lima Vidal.

A's famílias em luto e, ainda, ao Clube dos Galitos e ao Correio do Vouga, as nossas sentidas condolências

Manuel dos Santos Ferreira

AGRADECIMENTO

A Família de Manuel dos Santos Ferreira, receando que, por falta ou deficiência de endereços, não tenha pessoalmente agradecido a quantos se associaram à sua dor e acompanharam o saudoso extinto à sua última morada, vem fazê-lo por este meio, a todos manifestando o seu indelével reconhecimento.

Aveiro, 28 de Outubro de 1963

Sorteio Monumental do Sport Clube Beira-Mar

Realizado em 27-10-63, no Estádio de Mário Duarte, com a presença de um representante de Sua Excelência o Governador Civil de Aveiro

Lista dos Prémios

Das Capas	1.º Prémio	N.º 2.329
	2.º »	N.º 0.339
Dos Bilhetes	1.º Prémio	N.º 07.750
	2.º »	N.º 08.978
	3.º »	N.º 15.040
	4.º »	N.º 11.676
	5.º »	N.º 11.453
	6.º »	N.º 08.780
	7.º »	N.º 15.121
	8.º »	N.º 14.206
	9.º »	N.º 08.796
	10.º »	N.º 05.938

Os prémios serão entregues no prazo de 60 dias, a contar da data da realização do sorteio.

Secretaria de Estado da Aeronáutica
Base Aérea N.º 7

Admissão de Pessoal Civil

Faz-se público que se acha aberto concurso, pelo prazo de dez dias a contar da data da publicação deste anúncio, para provimento de uma vaga, na Base Aérea n.º 7, de cozinheiro de 2.ª classe do Quadro do Pessoal Civil da Secretaria de Estado da Aeronáutica.

— Os concorrentes deverão possuir, como mínimo de habilitações literárias, o 2.º grau do ensino primário;
— Ter mais de 18 anos e menos de 35 à data da admissão;
— Ter cumprido os deveres militares.

As restantes condições encontram-se patentes na Secretaria do Comando desta Base.

Base Aérea n.º 7 em S. Jacinto-Aveiro, 2 de Novembro de 1963.

O Chefe da Secretaria,
Hermínio Dias Sábio
Capitão

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de treze de Agosto de mil novecentos e cinquenta e dois, lavrada de folhas vinte e cinco a folhas vinte e seis, do livro de notas número duzentos e noventa e dois, do ex-notário desta Secretaria Bacharel Abel João Saraiva, arquivado neste Cartório, se procedeu a alteração do pacto social da «Empresa de Pesca de Aveiro, Limitada», sociedade por quotas de responsabilidade limitada, com sede nesta cidade e domicílio no Largo de Luís Cipriano, tendo, o artigo primeiro do referido pacto, sido substituído por outro, que ficou a ter a seguinte redacção:

Artigo Primeiro — A sociedade por quotas de responsabilidade limitada sob a denominação de Empresa de Pesca de Aveiro, Limitada, constituída por escritura pública de vinte e seis de Maio de mil novecentos e vinte e oito e alterada por escrituras de doze de Setembro de mil novecentos e trinta e dois, de seis de Janeiro de mil novecentos e trinta e seis, de catorze de Junho de mil novecentos e trinta e seis, dezassete de Outubro de mil novecentos e trinta e seis e catorze de Junho de mil novecentos e quarenta e três, sendo hoje o seu capital social de trinta mil contos, já inteiramente realizado, continua a ter a mesma denominação e por objecto a indústria de pesca, secagem e comércio de bacalhau, pesca de atum e do alto e ainda conservas de peixe e outras indústrias similares e afins.

É certificado, que extrai e vai de conformidade com o original a que me reporto, — nada havendo na referida escritura que modifique, amplie, restrinja, contrarie ou condicione o que se certifica.

Aveiro e Secretaria Notarial, vinte e três de Outubro de mil novecentos e sessenta e três.

O Ajudante da Secretaria,
Raúl Ferreira de Andrade

cartões de visita

FAZEM ANOS —

Amanhã, 2 — A sr.ª D. Maria Luísa Fernandes Pereira, esposa do sr. José Maria Barradas Cardoso.

Em 3 — A sr.ª D. Lucília Martins Arroja Martins; os srs. António Henriques da Cunha e José Pinto; e o estudante Luís Filipe França Marques Mendes, filho do sr. Carlos Marques Mendes.

Em 4 — A sr.ª D. Cândida Gomes Craveiro Valente, esposa do sr. Manuel Maria Rodrigues Valente; os srs. António Augusto Ferraz Alves, Jacinto Manuel Ferreira Monteiro Rebocho e o compositor musical Nóbrega e Sousa; e a estudante universitária Maria Helena, filha do sr. Dr. Francisco Lourenço da Costa.

Em 5 — A sr.ª D. Maria José Vera-Cruz Félix, esposa do sr. Joaquim de Lemos da Silva Félix; e o sr. Abílio Ratola Marques, filho do sr. Abílio Marques.

Em 6 — As sr.as D. Juliana de Melo Ramos, esposa do sr. António Nunes Ferreira Ramos, e D. Maria de Lourdes Vilar, esposa do sr. Fernando Seixas; e os srs. Manuel Nunes Pinhão e José Fernando Monsó de Moura Coutinho de Almeida d'Eça Marques da Silva Soares, aveirense ausente na cidade da Beira (Moçambique).

Em 7 — As sr.as D. Cândida Augusta da Rocha Baptista Marques, esposa do sr. Dr. António Fernando Marques, D. Maria das Dores Fernandes dos Santos, esposa do sr. José da Silva Marcos, e D. Elvira Ferreira de Carvalho, esposa do 1.º Sargento sr. Manuel de Carvalho; e o estudante Francisco Manuel Ferreira Machado, filho do sr. Dr. Francisco Romão Machado.

Em 8 — O sr. Dr. José Vieira Resende; e a menina Aldina Rosália Rebelo da Silva Ladeira, filha do sr. Dário da Silva Ladeira.

VIDA ESCOLAR

Acaba de concluir o terceiro ano da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra o estudante João Luís de Almeida Marques dos Santos, filho do nosso conterrâneo sr. Bernardo Marques dos Santos, Secretário de Finanças em Vila Nova de Gaia.

As nossas felicitações

CASAMENTO

Na capela da Casa da Calçada, dos pais da noiva, em Provozende (Alto Douro), realizou-se, em 28 de Setembro, o casamento da sr.ª D. Maria Carolina Martins da Cunha Pimenta com o nosso conterrâneo sr. Guilherme Augusto Ferreira Pinto Basto Taveira de Magalhães. Acolitado pelo pároco da freguesia, foi celebrante o primo do noivo, Frei Francisco d'Assis.

Nos salões do solar foram recebidos fidalgamente dezenas de convidados, aos quais, finda a cerimónia matrimonial, foi servido um almoço-volante.

Além das pessoas de família dos noivos, reuniram-se na Casa da Calçada muitas das melhores famílias do Norte, numa festa que a todos deixou as mais gratas recordações.

Ao novo lar desejamos as maiores felicidades

Cartaz dos Espectáculos

Teatro Aveirense

Sexta-feira, 1 de Novembro, às 21.30 horas
Jerry Lewis e Pat Dahl, numa super-produção realizada por Paul Jones — ***Dinheiro e só Dinheiro.*** Para maiores de 12 anos.

Domingo, 3 — às 15.30 e às 21.30 horas
Uma deliciosa e maliciosa comédia produzida por Jean Negulesco, em *Technicolor* e *Panavision*, com Maurice Chevalier, Angie Dickinson e Noel-Noel — ***Jessica.*** Para maiores de 17 anos.

Terça-feira, 5 — às 21.30 horas
Um filme de «suspense», audaciosa realização de Ken Annakin, em *Technirama* e *Technicolor*, com Richard Todd, Anne Aubrey, Jamie Vys e Marty Wilde — ***Encruzilhada Perigosa.*** Para maiores de 17 anos.

Cine-Teatro Avenida

Sexta-feira, 1 de Novembro, às 15.30 e 21.30 horas
Laura Alves, Eugénio Salvador, Américo Coimbra, Humberto Madeira, Óscar Acúrsio, Fernanda de Sousa e Lita Costa, num filme de Perdigão Queiroga — ***Parque das Ilusões.*** Para maiores de 17 anos.

Sábado, 2 — às 21.30 horas
Nancy Gates no filme em *Eastmancolor* e *Cinemoscope* ***Emboscada Fatal;*** e Peter Cushing e Andre Morell na película ***O Assalto ao Cofre.*** Para maiores de 12 anos.

Domingo, 3 — às 15.30 e às 21.30 horas
Uma excelente película francesa, com Annie Girardot, Jean-Claude Pascal, Odile Versois e George Sanders — ***Rendez-vous.*** Para maiores de 17 anos.

Quarta-feira, 6 — às 21.30 horas
Robert Mitchum, Jack Webb, Martha Hyer e Francy Nuyen no filme — ***O General era Soldado.*** Para maiores de 17 anos.

Quinta-feira, 7 — às 21.30 horas
Ivonne de Carlo e Rock Hudson, numa excelente película em Technicolor — ***Gigantes em Fúria.*** Para maiores de 12 anos.

SECRETARIA JUDICIAL
Comarca de Aveiro

Anúncio

1.ª Publicação

Pelo Primeiro Juízo e Primeira Secção desta comarca, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados Manuel Diniz Ferreira e mulher Armanda de Jesus Pereira, proprietários, residentes no lugar de Azurva, freguesia de Eixo, desta comarca, para, no prazo de dez dias, depois de findo o dos éditos, deduzirem, querendo, os seus direitos, nos autos de Execução sumária que contra aqueles executados move Saúl Simões Neto, casado, proprietário, também residente naquele lugar de Azurva.

Aveiro, 25 de Outubro de 1963.

O Juiz de Direito,
Silvino Alberto Villa Nova

O Escrivão de Direito
Joaquim Mendes Macedo de Loureiro

Litoral ★ N.º 470 ★ Aveiro, 1-XI-963

Trespassa-se

Estabelecimento em bom local nesta cidade para qualquer ramo de negócio inclusivé Senak Bar informa na Rua Combatentes da Grande Guerra n.º 82 — Aveiro.

Empregada

Habilitada para serviço de balcão precisa a casa *Augusto Carvalho dos Reis, Sucr.*

Desportos

Continuação da terceira página

FUTEBOL

Beira Mar-Oliveirense

Aos 74 m., os oliveirenses estabeleceram o *score* final, com um vistoso tento obtido por VALENTE, em cabeceamento feliz, emendando com muita oportunidade a bola enviada por André, na marcação de um livre por falta de Evaristo sobre Vaz. O *keeper* do Beira-Mar, surpreendido pela rapidez do dianteiro contrário, ainda desviou a bola, que se lhe escapou e embateu na barra transversal, daí ressaltando para o fundo das redes, depois de tabelar nas costas de Adelino. Lance de muito azar, registe-se, para o guardião aveirense.

●

Contrariando a grande maioria dos prognósticos, que se inclinavam para um triunfo mais ou menos fácil dos beiramarenses, a Oliveirense conseguiu um excelente êxito no velho e sempre apaixonante *derby* regional aveirense, ganhando no terreno do seu adversário.

Proeza sem dúvida de realçar, o cometimento dos azuis-rubros já não espanta grandemente, na medida em que isto mesmo se tem verificado diversas vezes: o *team* tido por favorito não se encontra, perturba-se por uma qualquer contrariedade própria do jogo, e acaba por soçobrar ante o seu antagonista, considerado menos poderoso.

E foi isto que sucedeu em Aveiro. O Beira-Mar principiou deliberadamente ao ataque, perdendo ensejo de se colocar em vencedor no lance de abertura, porque desde logo os seus dianteiros se mostraram morosos na finalização. Por seu turno, na primeira vez que transpôs a linha de meio-campo, a Oliveirense conseguiu um *corner*, de cuja marcação nasceu, numa recarga, o seu primeiro tento.

O golo, compreensivelmente, criou situações de ânimo perfeitamente antagónicas nos jogadores dos dois grupos. Para os forasteiros, foi um tonificante incentivo a uma porfiada e cuidadosa defesa, ante o natural e imediato assalto (bastante desordenado) que os locais lançaram ao seu último reduto, procurando anular a desvantagem. E, para os visitados, foi como que um balde de água fria — que lhes tirou a serenidade, a tranquilidade e a confiança em si próprios de que tanto necessitavam para conseguirem operar o *volte-face* em que se empenharam.

Os oliveirenses chegaram ao descanso a vencer por 1-0. Com algum mérito, pois defenderam-se com denodo e relativo acerto; mas ainda com o seu quê de sorte, pois houve alguns lances em que o golo só não surgiu por negaças da fortuna aos dianteiros do Beira-Mar.

Mas a verdade é que os avançados locais terão mais que queixar-se de si próprios, da sua quase enervante relutância pelo remate final, do que pròpriamente dos azares inerentes ao jogo.

No segundo tempo, e durante uns quinze minutos, os locais estiveram instalados no meio-campo da Oliveirense, procurando a todo o transe a igualdade — que bem justificavam, e que lhes sorriu.

Julgou-se, então, que o Beira-Mar podia chegar ao triunfo, pois havia muito tempo para se jogar e a turma, mesmo em exibição apenas sofrível, denotava capacidade para chamar a si a vitória final. Tal não aconteceu, dada a inoperância, confrangedora, dos atacantes locais (os pontas de lança foram demasiado lentos e estáticos, sobre terem sido também péssimos finalizadores).

E, ao invés, foram os visitantes que vieram a triunfar, no seguimento de um livre, primorosamente apontado por André e concluído, em espectacular e feliz golpe de cabeça do irrequieto Valente, que surpreendeu o guardião local.

Resumindo, teremos que a Oliveirense triunfou com felicidade, mas justamente, pois foi sempre mais voluntariosa, mais agressiva e perigosa, apesar de atacar bastantes menos vezes que o seu antagonista. De resto, a turma de Azeméis foi codiciosa, regular e discreta na sua exibição — situada num plano mediano. Daqui se infere, òbviamente, que o Beira-Mar decepcionou e actuou sem o talento necessário para se impor a uma equipa vulgaríssima, por sua culpa exclusiva, pois não soube (ou não conseguiu) ganhar o comando do jogo na *meia-cancha*, onde geralmente se decidem as pugnas futebolísticas...

E o desagrado que a exibição dos beiramarenses causou entre os seus adeptos (e cabe aqui referir que o público local também foi deveras desencorajante, exigindo apenas, nunca apoiando ou desculpando e, o que é pior, recriminando inúmeras vezes injustamente os jogadores) foi tanto maior quanto é certo, acentuamo-lo de novo, que os oliveirenses foram apenas aguerridos e lutadores, não mostrando nada de especial.

●

Na equipa de Aveiro, evidenciaram-se Liberal, Brandão (que esteve esforçadíssimo) e ainda Miguel e Romeu. Os restantes foram discretos, alguns em demasia.

No grupo de Oliveira de Azeméis, André, Valente e Costa, seguidos a curta distância por Branca, Ferdinando e Resende, notabilizaram-se.

●

A arbitragem foi autoritária, segura e certa. Algumas falhas, de somenos importância, não bastam para ofuscar o bom trabalho da equipa do conceituado juiz de campo leiriense Braga Barros.

Registo das PROVAS DISTRITAIS

I DIVISÃO

Resultados da 8.ª Jornada

Anadia - Esmoriz 1-0
Lusitânia - Bustelo 5-1
P. de Brandão - Recreio . . . 4-2
Alba - Valecambrense 2-0
Arrifanense - Cesarense . . . 5-1
Estarreja - Lamas 1-2
Cucujães - Ovarense 1-1

No encontro-repetição, jogado em 13 de Outubro, apurou-se este desfecho

Bustelo - Esmoriz 2-1

Classificação Geral

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Lusitânia	8	6	1	1	22-4	21
P. Brandão	8	6	1	1	20-10	21
Lamas	8	6	—	2	18-9	20
Ovarense	8	5	2	1	15-7	20
Alba	8	5	1	2	15-9	19
Recreio	8	3	3	2	24-15	17
Arrifanense	8	3	2	3	10-10	16
Anadia	8	3	1	4	10-14	15
Valecamb.	8	2	1	5	10-16	13
Esmoriz	8	2	1	5	6-13	13
Cesarense	8	2	1	5	12-20	13
Cucujães	8	1	3	4	5-15	13
Bustelo	8	2	1	5	11-26	13
Estarreja	8	—	2	6	4-14	10

Jogos para Amanhã

Anadia - Lusitânia
Bustelo - P. de Brandão
Recreio - Alba
Valecambrense - Arrifanense
Cesarense - Estarreja
Lamas - Cucujães
Esmoriz - Ovarense

Aperfeiçoamento Técnico dos Árbitros de Futebol de Aveiro

Para aperfeiçoamento dos seus filiados, a Comissão Distrital dos A'rbitros de Futebol de Aveiro vai promover uma série de palestras sobre as leis daquele jogo, a proferir pelo reputado técnico sr. David Costa.

As palestras realizam-se em S. João da Madeira (dia 2) em Estarreja (dia 9) e em Aveiro (dia 16).

RESERVAS

Está marcado para amanhã o início do Campeonato Distrital de Reservas, encontrando-se programados os seguintes desafios:

Série A

Valecambrense - Arrifanense
Espinho - Cucujães
Sanjoanense - Feirense

JUNIORES

Resultados da 5.ª Jornada

Série A

Ovarense - Estarreja 2-0
Anadia - Oliveirense. 5-3
Mealhada - Beira-Mar 0-2
Alba - Bustelo 4-1

Série B

Valecambrense - Esmoriz . . 1-2
Espinho - Sanjoanense 0-4
Lusitânia - Feirense 1-1
Cesarense - Arrifanense . . . 1-1
Lamas - Cucujães 3-1

Jogos para Amanhã

Série A

Estarreja - Alba
Oliveirense - Ovarense
Beira-Mar - Anadia
Bustelo - Recreio

Série B

Esmoriz - Cesarense
Sanjoanense - Valecambrense
Feirense - Espinho
Lusitânia - Lamas
Arrifanense - Cucujães

BILHAR

● Feitos os necessários desafios de desempate, apuraram-se as seguintes classificações finais:

I Categoria

1.º — João da Cruz Regalo, 10 pontos; 2.º — José Brandão, 8; 3.º — Aguinaldo Melo, 8; 4.º — José Carvalho, 8; 5.º — Vital Fialho, 4; 6.º — Henrique Prudêncio, 2; 7.º — José Ruivo, 2.

II Categoria

1.º — António Barreto Cerqueira, 4 pontos; 2.º — Ricardo Limas, 4; 3.º — Antero Veiga, 2; 4.º — Emanuel Cravo, 2.

● Na penúltima sexta-feira, numa concorridíssima e muito luzida sessão, procedeu-se à distribuição dos prémios deste torneio.

Presidiu o sr. Dr. José Valente, Vice-presidente da Direcção do Beira-Mar, que usou da palavra a encerrar a sessão, tendo endereçado felicitações à Tertúlia Beiramarense por esta feliz realização. Em nome da Tertúlia, falara, antes, o sr. Antero Veiga, que se congratulou com o interesse que o torneio despertou.

BASQUETEBOL

ções dos alvi-rubros; e o não menos excelente triunfo dos bairradinos em S. João da Madeira, que marcou a primeira derrota dos sanjoanenses na prova.

Os próximos jogos:

Hoje

Galitos - Sanjoanense
Sangalhos - Esgueira
Amoníaco - Illiabum

PROGNÓSTICO DO CONCURSO N.º 8 DO TOTOBOLA

10 de Novembro de 1963

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	C. U. F. - Sporting			2
2	Leixões - Guimarães	1		
3	Varzim - Belenenses			2
4	Setúbal - Porto	1		
5	Olhanen.-Barreirense	1		
6	Sanjoanen.-Vianense	1		
7	Salgueiros-Marinhen	1		
8	Famalicão - Feirense			2
9	Luso - Sacavenense	1		
10	Portimonense-Farense	1		
11	C. Piedade - Torriense	1		
12	Peniche - Alhandra	1		
13	Itália - Rússia	1		

Caldeiradas regionais

Uma caldeirada no Hotel Arcada

Pelo Tenente Gonçalo Maria Pereira

II

Desde há muitos anos que vem sendo costume reunirem-se, em Aveiro, alguns dos ex-combatentes da Primeira Grande Guerra, para prestarem homenagem à memória dos camaradas que nela perderam a vida, e para confraternizarem entre si os que ainda vivem.

Essas reuniões têm-se realizado nos dias 9 de Abril e 11 de Novembro — datas, respectivamente, da Batalha de Lá Lis e da assinatura do Armistício.

Constitui-se, para isso, uma comissão, que se encarrega de todos os trabalhos, entre os quais o de fazer a comunicação aos companheiros de armas da localidade e aos que se encontram dispersos por todo o país.

O programa é sempre o mesmo: Missa por alma dos combatentes já falecidos; concentração à volta do Monumento aos Mortos, com guarda de honra; deposição de ramos de flores de saudade no mesmo Monumento, seguidas de um minuto de recolhido silêncio; romagem de saudade ao talhão privativo dos Mortos, no cemitério Sul da cidade; e por fim, um almoço de confraternização num Restaurante ou num Hotel locais.

Muitos dos camaradas a quem é feito o convite, principalmente os que residem fora de Aveiro, impõem como condição aceitá-lo, desde que do repasto faça parte uma caldeirada de enguias à moda de Aveiro. Sempre se lhes faz a vontade, quando é possível.

Na reunião de 9 de Abril de 1956, à qual compareceram cerca de oitenta combatentes, o almoço foi servido no Hotel Arcada e nele entrou a clássica caldeirada de enguias.

Na sala de refeições do Hotel, coube-me ficar próximo do hoje já falecido de saudosa memória, snr. Tenente Coronel Joaquim Augusto Geraldes, ao tempo creio que Comandante do Batalhão da G. N. R. com sede em Coimbra. Este saudoso camarada viveu muitos anos em Aveiro, antes e depois de regressado de França, encorporado no 1.º B. I. do R. I. 24 expedicionário à Flandres. Era um grande amigo de Aveiro e bom apreciador, também, das caldeiradas de enguias da região. Tinha sido um dos peticionários do saboroso pitéu.

Ao iniciar-se o almoço com a sopa de enguias, aquele companheiro diz-me:

—Tenente Gonçalo Maria: o sr. que é pescador e apreciador, como eu, destas caldeiradas, diga-me se nota algum defeito nesta canja, que não me está a saber bem.

— Respondi-lhe que já lhe tinha notado qualquer deficiência, mas que não quis ser o primeiro a «levantar a lebre». Outros camaradas acabaram por concordar connosco sobre o defeito. Fez-se ciente do reparo ao criado de mesa e este foi transmiti-lo ao chefe da cozinha. Vindo este à nossa presença, explicou-nos que no preparo da caldeirada tinham entrado todos os ingredientes que é uso aplicar-se-lhe. Embora assim sucedesse, disse-lhe eu que houvera qualquer tempero ou o quer que fosse, que lhe tinha alterado o bom sabor.

E o chefe da cozinha respondeu por fim:

— Só se fosse do azeite, no qual já entrou a mistura do óleo de amendoim, como acabou de ser determinado superiormente.

— Não diga mais, respondi eu! Foi mesmo a mistura do óleo no azeite que alterou o bom sabor da caldeira.

Por aqui se vê que a preparação de uma caldeirada requere tantos cuidados que até aquela simples mistura lhe alterou o sabor.

Claro que a nossa caldeirada não deixou de se comer, embora sem o paladar gustativo que se desejava.

Nessa altura, era eu um modesto colaborador do jornal humorístico «Os Ridículos». Cheguei a escrever um poemetozito alusivo à *mistura*, trabalho esse que ainda chegou a ser composto e impresso na tipografia daquele bi-semanário. Porém, circunstâncias estranhas à nossa vontade impediram a sua publicação. Tento fazê-la hoje aqui, visto presentemente não se darem já as causas daquele impedimento. A ideia principal que a isso me leva não é a de crítica, visto que esta já está ultrapassada. E mesmo que o não estivesse, mal algum viria ao Mundo com a publicação dos versos. Se tento agora a sua divulgação, é sòmente para que o modesto trabalho seja apreciado e comentado. Portanto, ele aí vai, se mo consentirem:

O Azeite, o Óleo e a Jurisprudência

Senhores tradistas do Direito,
que sois o suprassumo do conceito:

indicai qual a forma d'actuar
aos Juízes quando tenham de julgar.

Perante um Tribunal foram levados
alguns comerciantes autuados:

uns por vender óleo com azeite,
mistura que então não era aceite;

Outros por sem óleo o vender,
quando o azeite o já devia ter.

E perante isto, o Douto Magistrado
na sentença se viu embaraçado.

Por fim, a muito custo os condenou,
o que de boca amargos lhe causou.

Tê-los-ia, porém, absolvido,
se os factos se tivessem invertido.

E para que ditasse as actas,
só carecia a mudança dumas datas.

E os autos ficariam sem azares,
se pudessem trocar os seus lugares.

E dar-se-iam os ditos por não ditos,
se as datas se trocassem nos delitos.

Peço, pois, que se dêem à maçada
para bem desfiar esta meada.

E dizerem ao povo com lisura
se é lícita ou ilícita a mistura.

E se eu tenho a cabeça avariada,
promovam que me internem no Bombarda.

Embora eu mal algum possa causar,
é lá que os malucos devem estar.

(Continuaremos)

Outono de 1963

A VIÚVA

Continuação da última página

Sim! Já me recordo: seriam umas sete e meia, aproximadamente...

— Suponho que o condutor lhe ofereceu imediatamente o lugar que pediu...

— Não, senhor. Hesitou um pouco. Olhou demoradamente para mim. Era tal a intensidade do seu olhar que desviei a vista, incomodada. Depois, sùbitamente, convidou-me delicamente a entrar, instalando-me no banco da frente, porque não quis dar-lhe a maçada de puxar o banco para me dar acesso à parte de trás...

O cigarro de Sequeira apagara-se. Puxou um fósforo e acendeu-o novamente.

— Que se passou depois?

Bem, senhor chefe, durante dez minutos, mais ou menos, o condutor nem falou comigo. Depois, inesperadamente, abrandou a marcha do carro e olhou-me insistentemente... Em seguida... bem, o senhor sabe. Pousou-me a mão esquerda no ombro e... e...

— Bosta! E depois, minha senhora, que se passou?

— Afastei-me o mais possível para a janela e murmurei uma frase qualquer... Creio que fiquei tão emocionada que assustei o condutor, que se acalmou. Quando chegámos ao Estoril e desci, chamei por socorro, gritando quanto podia... E pronto, eis a história toda.

Sequeira estava absorto. O condutor já havia sido detido. A viatura era um Opel, modelo Kapitan, e o homem era o seu proprietário. Este afirmava que a viúva pretendera extorquir-lhe dinheiro ameaçando-o de fazer escândalo se ele não acedesse.

— Vou mandar pôr o condutor em liberdade, senhora Filomena — decidiu Sequeira.

— E a senhora fica retida por prestar falsas declarações...

● **Pergunta-se:** *Quais foram as razões que levaram Sequeira a proceder assim?*

● **Prazo:** *para as respostas: 15 dias.* **Prémio:** *um livro para a melhor solução.*

● **Enviar correspondência para:** INSPECTOR MONTARGIS Rua do 28 de Maio, 18 — MONTARGIL

Biografia de Reinaldo Ferreira

Continuação da última página

gos, considerado o primeiro repórter português, fama que conservou em 1935, ano em que faleceu.

A sua inventiva, a sua audácia, o seu poder extraordinário de realização, o pitoresco da sua prosa, guindando-se à altura dos mais afamados repórteres europeus e americanos, revolucionaram o jornalismo português.

Passando a Espanha, ali escreveu centenas de novelas policiais e grande número de reportagens em série, obtendo assombroso êxito naquela em que revelou o que foram na vida real heróis de folhetins.

Foi colaborador, em Paris, do *Paris Soir* e outros jornais e director da *Agência Americana*. Mais tarde, dirigiu os serviços desta agência, em Bruxelas, Barcelona e Madrid. Durante o tempo que esteve na Bélgica, colaborou no jornal *Le Neptune*.

Como realizador cinematográfico, foi também notável a sua actuação. Iniciou-a em Espanha, como assistente do famoso actor e realizador inglês Aurélio Sidney, que ali realizou *El León* e outros filmes de grande nomeada.

O seu génio aventuroso levou-o a correr os riscos de realizar como argumentista, encenador e director, os filmes *O Groom do Ritz*, *Táxi 9297*, *Rita ou Rita*, e ainda pequenas comédias com artistas portugueses.

Escreveu para o teatro *A Dama do Sud*, peça extraída de uma novela sua, primeiro publicada em espanhol; *O Homem da Cabeleira Branca*, que se estreou, com grande êxito, no teatro do Ginásio; no Teatro Nacional, conseguiu fazer subir à cena o drama *1808-Junot*, também com grande sucesso, e no Teatro Apolo, a peça *O Táxi 9297*, baseada no filme do mesmo nome.

Em 1935 representou-se com muito agrado outra peça de sua autoria, no teatro de S. Luís: *O Homem que mudou de Cor*.

Esta peça era uma adaptação em 4 actos de uma novela sua, *Blanco y Negro*, publicada em espanhol.

O pseudónimo com que assinou muitas das suas produções e que deu o título a um semanário que dirigiu — REPÓRTER X — celebrizou-o e entrou na história do jornalismo português onde ocupa um lugar de indisputável relevo.

(in «Selecções Alibi»)

Isto é o Trânsito

Continuação da última página

peritagem, é um *frete* simplesmente que se faz pela côdea certa de todos os meses ou pela espórtula prometida ou arrecadada.

Temos assistido a muitas peritagens, tanto de carácter oficial como particular, e é com mágoa que recordo alguns casos que atribuo a pura subserviência que em nada serviram a justiça nem dignificaram os serviços. Quem assim procede não pode ser considerado *perito* mas um autêntico *oportunista*, e tantos há, infelizmente, nos tempos que correm, às vezes tidos por pessoas íntegras e bem conceituadas.

Será altura de pedir a esses *peritos* que através de um exame directo procedam a uma *autoperitagem* antes de se arrojarem a trabalho de tanta responsabilidade como deve ser o da peritagem.

COORDENAÇÃO DO «INSPECTOR MONTARGIS»

Nota de Abertura

Esperando dar início a uma série de artigos sobre *Reinaldo Ferreira,* o saudoso «Repórter X» damos hoje publicidade a uma pequena biografia que há anos foi publicada em «Selecções Alibi».

Entretanto, e anunciando umas tantas sub-secções, informamos igualmente que a partir do próximo número será dado início à publicação da série de artigos que sob a epígrafe *O que é e o que pretende a Literatura Policial Portuguesa,* nos foi enviada pelo nosso distinto colaborador *Fernando Sardanha.*

Obrigado, Mr. JArtur!

Sinceramente sensibilizado, agradecemos-lhe a carta que nos enviou. Mistério *muito honrado se sentirá com a presença de um de um dos maiores policiaristas portugueses, assim como também acolherá de braços abertos todos os «novos» e «veteranos» da região de* Aveiro*... ou qualquer outra.*

Obrigado, «Mr. Jartur»!

Insp. Montargis

Ciências auxiliares da CRIMINALIDADE

CRIMINOLOGIA

***Por* Augusto César Alberto de Seabra**

Impõe-se o estudo das causas da criminalidade, competindo à antropologia criminal o dos factores pessoais, isto é, o das características orgânicas e biológicas do delinquente (degenerescência, epilepsia, perturbações endócrinas, etc.), e à sociologia criminal, o dos factores sociais.

Modernamente, a antropologia desdobrou-se em biologia ciminal, à qual compete o estudo dos factores físicos da criminalidade, cabendo à psicologia criminal o dos factores psicológicos.

A antropologia é, pois, uma ciência auxiliar da criminologia, fornecendo-lhe dados importantes, através do estudo dos caracteres somáticos e psíquicos do delinquente.

Muito embora *Platão* e *Aristóteles* fizessem referência a algo que hoje pode ser considerado como antropologia, esta ciência só aparece, verdadeiramente, no período de 1871 a 1876, com o livro de *Lombroso* «O homem delinquente», já referido.

O ponto de vista de *Lombroso* foi seguido por *Ferri, Garófalo, Púglia, Virgílio,* etc.

Aparece, depois, a biologia criminal, em consequência dos trabalhos de *Lenz* e de *Eaner,* para citar apenas os mais importantes.

Alguns especialistas localizam na estrutura biofísica do indivíduo a causa fundamental da criminalidade.

Trata-se de uma ciência que estuda a vida dos criminosos, principalmente o problema de hereditariedade, ou seja, o da transmissão de doenças e tendências.

Outra ciência é a psiquiatria, que se ocupa do estudo dos criminosos anormais. Alguns autores, *Heuyer,* por exemplo, foram até ao ponto de afirmar que a história da criminologia seria um capítulo da história da psiquiatria.

A sociologia criminal estuda as relações entre o criminoso e o ambiente, bem como a influência do meio físico, económico, político, familiar, escolar, etc., destacando-se, neste aspecto, os trabalhos de *Sutherland* e *Thorsten.*

Estas ciências dão, portanto, o seu contributo à criminologia.

Podemos, ainda acrescentar a criminalística e a ciência penitenciária.

A primeira abrange a antropometria, a medicina legal e a polícia científica; a segunda, por assim dizer, é a técnica da aplicação ou cumprimento da sanção.

Resumindo:

Sòmente a partir da segunda metade do século XIX, se delineou um interesse, cada vez mais vivo, pelo estudo da personalidade do criminoso, como acentuou *S. Jacomella,* no Ciclo Europeu de Estudo sobre o exame científico do delinquente (Bruxelas, 1951).

Até aí, a Justiça, inspirada pelos princípios clássicos, concentrava toda a sua atenção no crime e na pena.

(*in* «Crimes e Criminosos»)

Depoimentos

● DO PROF. DOUTOR ANTUNES VARELA:

«Recordo-me de ter lido em tempos, num livrinho de Radbruch, uma referência bastante expressiva ao tom francamente amistoso das relações entre a polícia e o comum da população britânica.

O facto poderia servir então de base a um paralelo pouco agradável ao amor-próprio dos portugueses, tanto no que respeitava ao trato social da polícia, como no que tocava à própria educação cívica do nossa gente.

Mas as coisas sofreram entretanto uma profunda modificação — creio que em ambos os aspectos destacados pela observação —, sendo notória a melhoria das relações hoje existentes entre a população e os agentes especialmente incumbidos de manter a ordem pública e defender a segurança das pessoas.»

● DO DR. ARTUR VARATOJO:

«Pode um suspeito ser positivamente identificado pelo laboratório científico do crime, analisando-se um cabelo da sua cabeça, deixado na cena do crime?

Não, não é possível estabelecer que o cabelo veio de determinada pessoa e não de qualquer outra do mundo. Por outro lado, um suspeito pode ser absolvido pela diferença definitiva entre o seu cabelo e o espécimen encontrado na cena do crime.»

(na revista ilustrada «Polícia Portuguesa»)

Isto é o Trânsito...

PERITAGEM OU OPORTUNISMO?

Notas do Comissário-Chefe da P. V. T.
BELARMINO DE OLIVEIRA

É vulgar empregar-se o termo *Peritagem* em matéria de acidentes de trânsito, muito embora nem sempre se lhe atribua o seu verdadeiro significado: a especialização que devem possuir as pessoas a quem são confiados tão delicados assuntos.

Chega-se mesmo a confundir a peritagem com o exame directo e até mesmo com a reconstituição, diligências oficiais de maior amplitude mas nem por isso de maior importância que podem compreender aquela e normalmente são feitas por pessoas sem conhecimentos profundos da matéria e apenas investidas de funções policiais ou judiciais.

A peritagem — termo que alguns dicionários ainda não registam — é a acção ou exercícios dos peritos. Na sua verdadeira concepção, estes devem possuir vastos conhecimentos técnicos adquiridos pela prática e determinados requisitos de especialização acerca da matéria a que são chamados a intervir.

Não é a simples nomeação judicial ou policial duma pessoa para proceder a um exame ou vistoria que lhe confere a qualidade de perito. É necessário para que os seus relatórios ou informações possam ilucidar ou constituir prova quase decisiva do assunto em exame que esses funcionários ou empregados dêem garantias absolutas mais de saber que de competência.

Sou dos que pensam que não há boas nem más peritagens, mas apenas peritagens. Se esse trabalho não é feito por pessoa abalizada na matéria ou, sendo-o, se não visa simplesmente o esclarecimento desinteressado do assunto em exame à luz da verdade e da justiça, mas antes tem em vista a defesa dos interesses de uma das partes em detrimento dos outros, já não é boa nem má

Continua na página 7

Antologia

PEQUENA HISTÓRIA MACABRA

ESCRITA POR LIMA DA COSTA

A vítima estava pálida, numa tentativa esforçada de aparentar calma e quietação.

Pela cara, mal barbeada, corria-lhe, espesso, um suor gorduroso que ensopava a camisola de algodão, debaixo do queixo.

Para lá do muro branco, de uma brancura doentia, a multidão aguardava numa imobilidade tensa, numa avidez insofrida de conhecer o minuto que se ia seguir.

A vítima, muito quieta, especada nas pernas que ansiavam por correr, saltar, andar, pensava numa louca agitação de condenado à morte.

— Não! Não era o culpado! Estava ali a cumprir a pena que a outro devia ser aplicada. Estava inocente! Inocente!!!

Via, perto, a cara do verdadeiro, do único culpado, também tensa, numa expectativa nervosa.

Quis falar, gritar, protestar a sua inocência...

Mas já o executor se aproximava, inexorável, com passos medidos e cadenciados.

A ordem veio, aguda, penetrante.

O tiro partiu.

A multidão respirou aliviada: o «penalty» passara ao lado do poste...

A VIÚVA

Esperavam Chefe Sequeira, do seu regresso de férias, alguns problemas que os agentes da sua Brigada tinham deixado pendentes.

Um desses processos era o de uma tal senhora Filomena, viúva, que se queixava de que um automobilista a quem pedira boleia tentara ultrajá-la.

Mandou chamar a viúva e interrogou-a:

— Faça o favor de me dizer como o caso se passou.

— Eu descera do autocarro em Algés. Dirigia-me ao Estoril e tinha de lá estar dentro de uma hora. Vi um automóvel encostar junto às esplanadas e atrevi-me a abordar o condutor, homem novo, dos seus trinta e cinco anos, convencida de que ele seguia para a linha do Estoril. E assim parecia ser, efectivamente.

— Que lhe disse a senhora? — Sequeira olhou detidamente a dama que tinha à sua frente, toda de negro vestida e com um ar inteiramente respeitável.

— Perguntei se seguia para Cascais ou Estoril e se não se importava de me dar um lugar, pois que estava com muita pressa e tinha de chegar a esta localidade antes das nove horas...

Sequeira acendeu um cigarro e concentrou-se.

— Muito bem — disse repousadamente. Que horas eram nessa altura?

— Não posso precisar muito bem. Ah!

Continua na página 7

GABINETE DO DETECTIVE

Biografia de REINALDO FERREIRA

JORNALISTA, novelista, dramaturgo e realizador cinematográfico. Aos 12 anos começou a fazer jornalismo, revelando logo o seu gosto pela aventura, não só escrita como vivida. Com tão pouca idade iniciou a sua carreira jornalística, enviando crónicas aos jornais espanhois. Tão grande era o mérito que elas revelavam que foram imediatamente aceites e publicadas.

Em 1914, apenas com 17 anos, no jornal lisboeta A CAPITAL, inaugurou na imprensa portuguesa a secção de cinema.

Em pouco tempo, três anos depois, era com o reconhecimento unânime dos seus cole-

Continua na página 7

Ex.mo Sr.
João Sarabando